

## Javé, o Senhor: um Deus patriarcal e libertador?(\*)

Erhard S. Gerstenberger

Fé e sociedade, fé e realidade sempre estão interligadas. Uma não existe sem a outra. É claro que uma não “produz” a outra. O interrelacionamento entre fé e realidade social nunca é de tal natureza que uma grandeza seja primordial e determine a outra. Mesmo assim, não há como separá-las. Contemplação e atuação devem estar lado a lado. Não podemos destacar unilateralmente os elementos místicos, sacramentais, a escatologia, a vida no além, a alma, omitindo o corpo, a sociedade, a política ou a economia. O inverso também vale: Somente com dados e análises sociológicas, políticas ou econômicas não se pode fazer teologia. Os critérios do espírito de Deus devem avaliar a realidade. Mas admitamos: Através dos séculos, a Igreja cristã incorreu mais vezes no erro de esquecer-se do corpo e do mundo do que no de esquecer-se da espiritualidade. Por isso temos que estar alertas na conjuntura atual, temos que estar a par do que acontece no mundo, temos que acompanhar, com a nossa reflexão cristã, os caminhos da humanidade que estão destruindo a vida de muitos e também da natureza toda, levando, assim, a um suicídio coletivo. E quando um barco está afundando, a **primeira** preocupação deve ser a de salvar vidas, somente a **segunda** a de cantar hinos de louvor. Daí o nosso dever de solidarizar-nos com os sem-terra, os meninos e as meninas de rua, o movimento ecológico, entre outros.

Tendo isto por pano de fundo, passamos ao tema proposto, que nasceu das perguntas e questões feministas à Bíblia e à teologia. Vou expor livremente algumas idéias de meu último livro<sup>1</sup>, que surgiu de dis-

---

(\*) Palestra proferida na Escola Superior de Teologia em 3/05/89.

1 — **Jahwe — ein patriarchaler Gott? Traditionelles Gottesbild und feministische Theologie.** Verlag W. Kohlhammer, Stuttgart, etc. 1988. Já me ocupei anteriormente com o assunto em Gerstenberger, E.S. e Schrage, W. **Mulher e homem.** Editora Sinodal. São Leopoldo, 1981, 165 p.

cussões sobre o assunto em conversas, preleções e seminários na Universidade de Marburg (RFA).

1. Faço questão de refletir, em primeiro lugar, a situação atual de mulher e homem em nossas sociedades. Nota-se uma continuada discriminação da mulher em todo o mundo. Certamente existem diferenças regionais, culturais e pessoais. Mas, de modo geral, os deveres, privilégios e trabalhos **não** são divididos de maneira igual e democrática entre os dois sexos. Mulheres ainda ganham salários mais baixos para tarefas iguais; têm que assumir uma porção maior do trabalho de casa além do trabalho profissional; têm muito menos chances de fazer carreira profissional nos campos da educação, economia, Igreja e política, de modo que raramente chegam a assumir postos de liderança e decisão. Um jornal da Alemanha ("**Sonntagsblatt**") escreve: "As mulheres continuam sendo os burros de carga da humanidade".

2. De onde vem esta desigualdade entre os sexos? Eu acho que vem de longe. Mas também diria que ela se tornou mais aguda e intolerável na época moderna, desde a era do racionalismo e da industrialização. Por quê? Há, mais ou menos, 200 anos começava a cair a estrutura da família e do clã em favor de uma produção cada vez mais industrial e homogênea. Anteriormente, numa unidade de produção agrícola auto-suficiente, as tarefas eram divididas mais ou menos igualmente entre mulher, homem, filhos, filhas, criados, criadas e outros integrantes da casa. O mesmo já não ocorre no sistema industrial, com a fragmentação do trabalho: O operário de fábrica tem, diante de si, somente um pequeno fragmento do produto. Para o seu sustento, o operário e a operária não mais recebem alimentos, mas salário. É o que K. Marx chama de trabalho "alienante" (em outro contexto, já Hegel havia feito esta observação). Neste sistema de produção e trabalho, as mulheres e as crianças são, até hoje, concorrentes bem mais fracas que os homens. Estes mantêm a sua posição forte nas atividades fora de casa já há milhares de anos. Os homens haviam assumido, há tempos imemoráveis, o papel daqueles que providenciam os alimentos **fora** de casa, enquanto que as mulheres haviam assumido a função da procriação e da produção **dentro** de casa (E. Badinter; S. de Beauvoir). Atualmente a concorrência no mercado de trabalho acarreta uma legitimação dos privilégios do mais forte, no caso, do homem.

3. De onde provém a divisão de funções entre o homem e mulher? Parece que ela já surgiu na Idade da Pedra. E. Badinter acha que os seres humanos, ao contrário dos animais, inventaram a troca de alimentos. Quando o homem voltava da caça, a mulher lhe dava verduras da horta

e recebia, em troca, pedaços de carne (confira, p.ex., 1 Sm 1.4s, onde o homem Elcana dá pedaços de carne de sacrifício para as suas mulheres). Assim, na pré-história, os seres humanos de ambos os sexos fortaleciam-se mutuamente. Sem dúvida o homem tornou-se caçador e a mulher coletora ou cultivadora de verduras, porque o homem não passava pelo embaraço da gravidez nem podia amamentar a prole. E. Bornemann, famoso pesquisador do matriarcado e patriarcado, afirma que gravidez, parto e amamentação não precisam reduzir a capacidade da mulher de caçar. A experiência de muitas mulheres, o testemunho da literatura antiga e a evidência de quase todas as culturas, no entanto, mostram o contrário.

A diferenciação de papéis conforme o sexo pode ser observada desde os primórdios da humanidade. A própria Bíblia a conhece (Gn 3.16-19). O homem é agricultor e tem que lutar e suar para arrancar o sustento do chão; a mulher é a que dá à luz filhos e filhas, cada gravidez trazendo dores e risco de vida.

4. E agora? O que tudo isso tem a ver com a fé, a religião e a conceituação de Deus? Os antigos teólogos do povo de Israel não eram bobos. Eles já haviam pensado nos papéis distintos de mulher e homem; eles haviam notado as tribulações e aflições diferentes em ambos os sexos. Se as durezas e os perigos da vida eram, grosso modo, equivalentes para ambos os sexos, os homens responsáveis pela tradição de Gn 3.16 achavam que em dois pontos havia uma profunda **diferença de qualidade** entre homem e mulher: A mulher era submissa ao homem — achavam eles (“e ele te governará”) — e a mulher era desejosa de sexo e, portanto, dependente sexualmente do homem — achavam eles (“o teu desejo será para o teu marido”). E essa dupla submissão da mulher era conseqüência — achavam eles — do fato de ter sido a mulher que foi traída e seduzida pela cobra, desobedecendo, assim, à ordem divina. Conseqüência do pecado original, então? Não é possível, porque já no relato da criação (Gn 2), que antecede o episódio mencionado acima (queda e maldição), Deus cria, por iniciativa própria, sem influência de pecado algum e contra tudo que sabemos sobre a origem da vida, **primeiro** o homem e somente em segundo lugar a mulher, a partir da costela do homem (Gn 2.18-23), estabelecendo, assim, desde a origem, uma hierarquia, na qual a mulher depende do homem.

Não é fácil avaliar esses dois relatos sobre as origens da vida humana. É indiscutível que, de uma perspectiva machista, já aqui a mulher somente aparece em segundo lugar, sendo, até, desprezada por ser a primeira pecadora. Isto seria até aceitável se o texto refletisse um tipo de

brincadeira entre os sexos. O antropólogo V. Tumer fala de ritos religiosos na África, nos quais homens e mulheres desprezam jocosamente o sexo oposto, elogiando a própria potência sexual. Neste caso, faltaria, no texto bíblico, a resposta da mulher ao gracejo do homem. O dito jocosismo masculino "Vocês, mulheres, são inferiores desde o início" poderia, quem sabe, obter a resposta feminina: "Vocês, homens, cultivam uma vaidade maior que o próprio pênis; e vaidade sempre é estupidez".

Seja como for, os relatos bíblicos citados, em sua forma atual, não revelam um caráter de brincadeira, mas de seriedade. São, portanto, uma afirmação machista sob forma de "reflexão teológica". Tal reflexão somente é possível na época tardia do Antigo Testamento.

5. O tempo até o exílio de Judá (em 587) é considerado, pelos cristãos, a "época clássica" do Antigo Testamento. Os judeus, é verdade, colocam grande peso na época pós-exílica, pois foi no período persa que se consolidou a comunidade judaica sob Esdras e Neemias (época do Segundo Templo). Bem, minha hipótese é que, na época pré-exílica, os papéis de homem e mulher ainda não tinham uma valorização teológica. E é isto o que interessa aqui. A valorização teológica parece que está vinculada ao conceito do Deus único. E minha suspeita é que o conceito de um Deus único e masculino ainda não se havia imposto totalmente na reflexão israelita antes do Exílio. Temos alguns indícios para afirmar isto.

a) Os povos vizinhos de Israel sempre conheceram divindades de ambos os sexos, muitas vezes casais, e, por isso, nunca chegaram a um desprezo da mulher, tão acentuado na tradição judaico-cristã e islâmica. Temos que admitir que, também nestas culturas, existia a estrutura patriarcal. O homem era encarregado da vida pública, jurídica e política, mas as mulheres tinham plena participação nos cultos, ou melhor, eram autônomas como sacerdotisas e suplicantes. Desta forma não era possível atribuir unicamente ao sexo feminino a culpa pelo pecado humano no mundo. Aliás, os outros relatos bíblicos que tratam do "pecado original" não falam da culpa da mulher (cf. Caim e Abel em Gn 4; a motivação do dilúvio em Gn 6 e a torre de Babel em Gn 11).

b) Há fortes indícios de que, na época pré-exílica, também Israel conheceu divindades legítimas de ambos os sexos. Algumas narrações da própria Bíblia admitem isto. Em Jr 44 conta-se que o profeta Jeremias repreende a comunidade judaica exilada no Egito por ela adorar a "rainha do céu" (Inana-Ishtar, do culto sumeriano e acádico). As mulheres respondem ao profeta: Nós fazemos o culto a essa deusa com o conheci-

mento e a participação dos homens. Além disso, já os nossos antepassados, em Jerusalém, adoraram a “rainha do céu”.

Os israelitas, portanto, conheciam outras divindades e conscientemente prestavam culto a uma deusa. Em vários lugares da história dos juízes e dos reis há polêmicas contra “Baal e Astarte” e seus símbolos: a coluna de pedra (símbolo fálico) e o tronco de árvore (símbolo da fertilidade). Confira, p. ex., Jz 6.25, que fala do altar de Baal e da Ashera ao seu lado, 1 Sm 7.3s, que menciona os Baalins e as Astartes (Ashterot), 1 Rs 11.5, que afirma que Salomão adorou a Astarte e a Milcom (deus amonita) e, ainda, 1 Rs 14.23, onde são mencionadas as Bamot (altos), as Massebot (estelas) e as Asherim (postes sagrados). Os textos mostram que, em Israel, era comum a veneração de duas divindades.

Há indícios de que havia, em Israel, também um culto caseiro ao cuidado das mulheres: Conforme Gn 31. 34s, Raquel esconde os ídolos do lar pertencentes a seu pai em um dos camelos; Ex 21.6 pode dar a entender que o deus do lar se encontrava num nicho, perto da porta de entrada; de acordo com 1 Sm 19.13-16, Mical usa um ídolo do lar para enganar os mensageiros de Saul que estava à procura de Davi.

Por último, foram encontradas muitas figurinas de deusas nuas em escavações de cidades israelitas antigas. Recentemente foram descobertas inscrições (algumas com desenhos) que falam de “Javé e sua Ashera”, como sendo a companheira feminina de Deus.

Tudo isto significa que houve, na época pré-exílica, veneração de várias divindades em Israel. Este “politeísmo” provavelmente foi condenado somente numa avaliação teológica posterior, quando o relacionamento homem-mulher foi adotado para designar o relacionamento Deus-povo. Al qualquer culto diferente era considerado apostasia, “adultério” (cf. Is 62.5; Ez 16, etc.). Na época exílica e pós-exílica proibia-se a adoração a outras divindades por motivos de sobrevivência.

6. Podemos dizer, assim, que até a derrocada do Estado israelita/judaíta em 587 havia, em Israel, cultos a divindades femininas e cultos sob a liderança de mulheres. Não havia desprezo e repressão do sexo feminino por motivos religiosos. A partir do exílio, no entanto, desenvolveu-se um conceito mais patriarcal de Deus.

Para preservar a sua identidade e consolidar as suas fileiras, as comunidades israelitas exiladas se apegavam à sua fé em Javé. No desespero existencial, na luta por sobreviver e conservar a identidade, e diante da multiforme vida religiosa no estrangeiro, começou-se a adorar exclusivamente Javé — o Deus que liderou o povo no passado, que fez

aliança com Davi, que tomou morada em Jerusalém, a cidade cada vez mais santa (cf. Sl 137). Sinais de pertença e fidelidade a Javé tornaram-se o sábado e a circuncisão, a Torá e as festas israelitas. Javé se tornou o centro de tudo: da cidade santa, dos costumes, dos símbolos. Ao redor dele girava toda a vida. Por isto ele era único.

O que mais nos interessa, aqui, são as conseqüências desta adoração exclusiva a Javé. Esta não pretendia ser, na origem, uma ação sexista, discriminatória. Não visava ao desprezo do sexo feminino. Dt 4.16 diz, com toda a clareza, que Javé não é masculino nem feminino. Ele não é comparável a qualquer outra criatura (cf. Ex 20.4-5). Os teólogos da época não eram conscientemente sexistas, mas eram, sem dúvida, homens e, assim, os seus interesses e preconceitos machistas se infiltraram em sua teologia. Com a eliminação de qualquer outro culto senão o de Javé, também foram eliminados os cultos autônomos das mulheres. O combate à adoração a qualquer outro deus resultou na eliminação também do culto caseiro liderado pelas mulheres. Começava, por parte da mulher, a dependência da religião dos homens. Sempre mais, Deus foi se tornando um Deus macho e machista que suspeitava até da existência, da pureza e da boa vontade das mulheres.

7. Chegamos à pergunta central: Dadas estas circunstâncias e estes desenvolvimentos na história da fé em Israel, será que podemos falar de um Deus patriarcal e libertador? Pelo menos as mulheres irão protestar: Este Deus Javé apoiou, desde sempre, o sexo masculino; ele é machista e não respeita o ser e o sentimento feminino. Entendo muito bem esta reação que até levou algumas mulheres a abandonar a Igreja cristã (Mary Daly, p.ex.). Acho, no entanto, que um Deus tão patriarcal também foi libertador.

Não há dúvida nenhuma de que, desde tempos imemoráveis, a sociedade israelita (e também humana) foi uma sociedade patriarcal. O chefe de família, responsável pelos assuntos que transcendiam a família, era o homem, geralmente o mais velho do grupo familiar. Mas os assuntos que diziam respeito ao funcionamento interno da família eram de responsabilidade da mulher (cf. 1 Sm 25). Não havia arbitrariedades do homem contra a mulher (Gn 38). Existia um certo equilíbrio entre os sexos (Carol Myers). O patriarcado não era a ordem opressora como nós a vemos hoje.

Esta sociedade patriarcal continha as sementes de libertação dos oprimidos. É impressionante ver como as diferentes camadas de tradições israelitas tratam da questão do poder do Rei (1 Sm 7-9). O Reinado é considerado abuso de poder e deve, por isto, ser rejeitado. É impressio-

nante como os textos de Gênesis tratam da soberba humana. É impressionante como as leis de Ex 21-23 e Dt 15; 22-24 lutam em prol dos marginalizados. Tudo isto deixa transparecer a convicção de que o poder corrompe e de que os homens necessitam, sempre de novo, libertar-se dos abusos e desrespeitos causados pelo poder.

Naquela época, nem a posição da mulher dependente nem a escravidão foram vistos conscientemente como problemas. Mas a dinâmica da suspeita frente ao poder, presente nos textos arrolados acima, nos sinaliza que devemos decidir-nos, hoje, em favor da luta em prol dos oprimidos e das mulheres. O Deus patriarcal de uma sociedade patriarcal produziu, portanto, um dinamite libertador que não perdeu a sua força renovadora (ou, para alguns, destruidora).